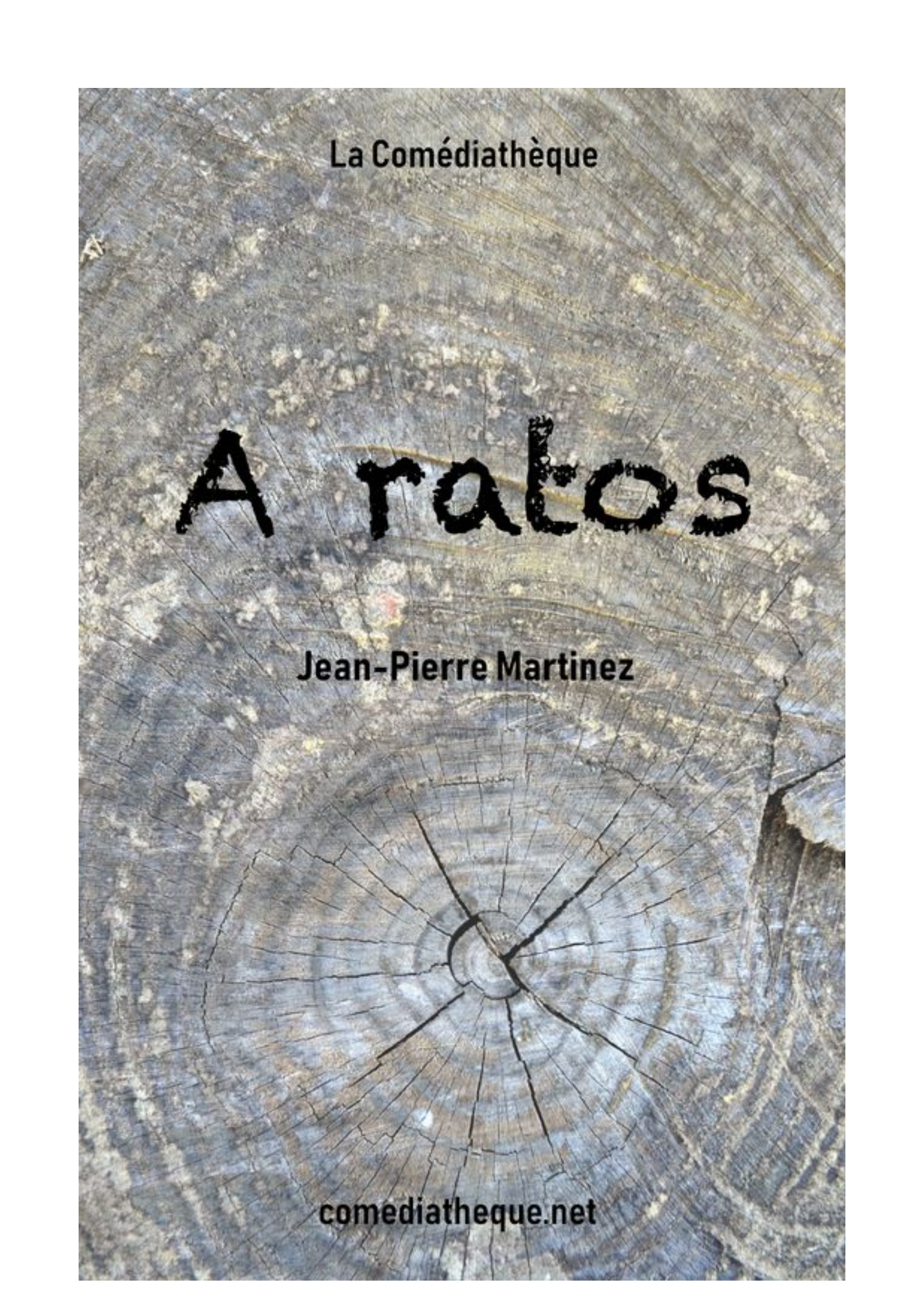




La Comédiathèque

A ratos

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

A ratos

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Desde a pré-história até ao fim do mundo,
alguns lampejos das nossas vidas insignificantes.

Comédia de esquetes

1. O fogo sagrado.....	3
2. Cinema em casa.....	6
3. Grande.....	9
4. Rabanadas.....	10
5. A porta.....	12
6. Sala dupla.....	14
7. Aqui a Terra.....	17
8. Inspeção técnica.....	19
9. Esperar.....	22
10. O quadro.....	24
11. Os fantasmas.....	27

Elenco

22 personagens

Elenco muito flexível em número e sexo, cada actor pode interpretar vários papéis,
e todos os papéis podem ser masculinos ou femininos.

De 2 a 22 actores (homens ou mulheres).

© La Comédiathèque

1. O fogo sagrado

Ela chega, com a indumentária mais simples, trazendo uma bolsa de pele ao ombro. Ele chega também, com a mesma indumentária e igualmente com uma bolsa. Ao princípio poderia pensar-se que são veraneantes na praia. Parece querer abordá-la, mas não se atreve. Por fim decide-se.

Ele – Desculpe, tem lume, por favor?

Ela – Sim, claro...

Ela revira a bolsa e acaba por tirar duas pedras grandes, tipo sílex. Começa a bati-las uma contra a outra. Sem resultado.

Ela – Desculpe, ainda não estou totalmente familiarizada com as novas tecnologias...

Ele – Não faz mal, sabe? Eu também não sou muito...

Sem o ouvir, ela tenta de novo, em vão. Irrita-se e bate nas pedras cada vez com mais força, de maneira histérica.

Ela – Fogo...!

Ele – Não, mas a sério, deixe isso! Posso perfeitamente safar-me de outra maneira...

Ela recupera a calma, deixa de bater nas pedras e guarda-as na bolsa.

Ela – Mil desculpas...

Ele – Não, por favor... Podia ter-se magoado...

Momento de embaraço.

Ela – E o lume, era para...?

Ele tira da sua bolsa um pequeno animal de peluche bastante bem imitado.

Ele – Para cozinhar isto.

Ela – Ah, claro...

Ele – Eu sei, não é muito grande, mas... foi o único que encontrei.

Ela – Pois... E então...

Ele – Parece que cozida, digere-se melhor. Pelo menos é o que dizem...

Ela – Bem, dizem-se tantas coisas... Até agora comíamos a carne crua e ninguém morreu.

Ele – Ninguém morreu por causa disso, pelo menos.

Ela – Então... você é caçador-recolector.

Ele – Sim... Bem... mais tendência recolector, para ser sincero.

Ela – Sim, já... Imagino.

Ele – Tenho a certeza de que um dia chegaremos a isso.

Ela – A quê se refere?

Ele – Vamos deixar de comer carne, vai ver. As frutas e legumes são muito melhores para a saúde.

Ela – Eu, pessoalmente, tento comer pelo menos cinco por dia.

Ele – De qualquer forma, é mais fácil apanhá-los do que a carne.

Ela – Pois é...

Ambos riem um pouco tolamente.

Ele – Bem, então eu... mais vale ir andando...

Ela – Está bem, sim... E outra vez, desculpe pelo lume.

Parecem não querer separar-se. Ele continua a segurar o bonequinho pela cauda. Ganha coragem de novo.

Ele – E se não... estava a pensar... o que faz à hora de almoço?

Ela – Nada de especial... Eu... estava a olhar para as nuvens... para passar o tempo.

Ele – Ah, sim, as nuvens... Não, porque pensei... talvez pudéssemos almoçar juntos...

Ela – Acha mesmo que há suficiente para dois...?

Ele olha para o bonequinho, hesitante.

Ele – Ah, não, mas... também tenho legumes.

Tira da bolsa um alho-francês pequeno e mostra-lho.

Ela – Ah, sim... Ótimo... Para acompanhar o...

Ele – Comer demais... também não faz bem à saúde.

Ela – É verdade... Bem... então, de acordo.

Ele – Moro mesmo aqui ao lado, se lhe apetecer...

Ela – Então... é novo no bairro? Como nunca nos tínhamos cruzado antes...

Ele – Sim... Encontrei uma cavernazinha não muito longe daqui... Não é muito luminosa, mas tem um tecto altíssimo.

Ela – E além disso muito central.

Ele – Fiz alguns desenhos nas paredes do fundo, para alegrar um pouco.

Ela – Ah, também é artista?

Ele – Sim, bem, estou a começar... Gostaria de os ver?

Ela – Ver o quê?

Ele – As minhas pinturas rupestres!

Ela – Ah, claro! Porque não? O que representam?

Ele – Eu, a lutar com uma salada.

Riem outra vez.

Ela – E... como se chama?

Ele – Não sei. Não me chamo muito frequentemente. E você?

Ela – Eu também não...

Ele – Bem... Então vamos?

Ela – Tem razão, é melhor apressarmo-nos, porque acho que vai cair uma chuvada.

Ele – Ah, sim?

Ela – Muitas vezes, quando há muitas nuvens no céu, depois chove. Nunca reparou?

Ele – Não, mas... agora que fala nisso. Então, seria mais uma cientista, não é?

Ela – Sim, bem... tento observar o mundo à minha volta. Também escutar o meu corpo...

Ele – De acordo... E... fez outras descobertas interessantes?

Ela – Vai ver, vou surpreendê-lo...

Saem.

2. Cinema em casa

Ela está mergulhada na leitura da programação de cinema. Ele chega.

Ela – Então, como foi o teu dia?

Ele – Bem, mas estou de rastos. E tu?

Ela – O de sempre... Mas ainda bem que é sexta-feira. O que te apetece fazer esta noite?

Ele – Não sei. E tu, o que queres?

Ela – Podíamos ir ao cinema.

Ele – Está bem... O que é que está em cartaz agora?

Ela – Há um filme coreano no Bairro Latino. Tem críticas muito boas. Mas aviso-te: dura duas horas e quarenta.

Ele – Ótimo... Em versão original, claro...

Ela – Claro.

Ele – Coreano do Norte ou coreano do Sul?

Ela – Porquê? Há uma dessas duas línguas que domines melhor do que a outra?

Ele – Não, mas... já que falamos disso, o sotaque do Sul é sempre um bocadinho mais cantado.

Ela – De qualquer maneira, não creio que os norte-coreanos tenham celulóide suficiente para fazer um filme de duas horas e quarenta.

Ele – Melhor assim...

Ela – Caso contrário, há um filme polaco de que uma amiga me falou. Dizem que é muito bom.

Ele – Polaco? Sobre o quê?

Ela – Uma história de um vírus que se espalha por toda a Terra e obriga toda a gente a ficar confinada em casa. Com todas as consequências que isso pode ter na vida de casal...

Ele – Ficção científica não me agrada muito... E ficção científica polaca, ainda menos...

Ela – Já percebi...

Ele – E entre nós... sair de casa para ir ver num ecrã gigante pessoas aborrecidas em casa. E ainda por cima polacos.

Ela – Diz antes que não gostas de cinema de autor e acabamos mais depressa.

Ele – Não é verdade. Kieslowski eu gostei. Ele é polaco, não é?

Ela – Sim.

Ele – O Decálogo, lembro-me perfeitamente. Engolimos os doze.

Ela – Os doze, achas?

Ele – Não vimos todos?

Ela – Só há dez.

Ele – Tens a certeza?

Ela – O Decálogo.

Ele – Ah, está bem, pode ser. Em qualquer caso, vimos todos.

Ela – Foi há muito tempo... Quando nos conhecemos. Ainda vivíamos com os nossos pais e passávamos metade da sessão aos beijos...

Ele – Tens razão. De certeza que foi daí que nasceu a minha paixão pelo cinema polaco.

Ela – De resto, não estou muito segura de que te lembres de grande coisa. Eu também não, aliás, porque ler legendas enquanto se beija o do lado... A menos que sejas contorcionista...

Ele – Em todo o caso, eu gostei muito.

Ela – Do filme ou...?

Ele – Das duas coisas.

Ela – Então, cinema? Fazemos ou não?

Ele – À sexta-feira, vai haver bastante gente, não?

Ela – Sim... É o dia em que as pessoas que trabalham vão ao cinema.

Ele – E agora que podemos beijar-nos tranquilamente em casa, em frente à televisão, para quê ir ao cinema?

Ele aproxima-se dela e abraça-a.

Ela – Beijarmo-nos no cinema rejuvenesceria-nos um pouco. Em todo o caso, dar-nos-ia uma mudança...

Ele – Pois, mas se é para não ver nada do filme... e daqui a vinte anos voltares a atirar-me isso à cara.

Ela – Está bem, ganhaste. Então, noite de televisão em casa.

Ele – O que é que dão de interessante?

Ela olha para uma revista de televisão.

Ela – Olha que curioso...

Ele – O quê?

Ela – Na Arte, estão a repetir a integral do Decálogo de Kieslowski.

Ele – Ah, sim... Mas como já os vimos...

Ela – Lembro-te que não os vimos propriamente em condições ideais.

Ele – Pois, mas... cinema na televisão não funciona, pois não?

Ela – Ora bolas, que azar.

Ele – Porquê?

Ela – Esses dez filmes de Kieslowski foram inicialmente destinados à televisão polaca. Por isso é que duravam menos de uma hora e no cinema projectavam-nos dois a dois.

Ele – Dois a dois? Ah, está bem... Então é por isso que no fim de cada sessão nunca percebia o que é que tinha a ver com o início do filme. Na realidade eram dois filmes diferentes...

Ela – Exacto... E como, em geral, depois de me apalpar durante a primeira meia hora, ficavas a dormir antes do segundo filme...

Ele – Tinhas de gostar muito de mim.

Ela – E tu também... para te deixares arrastar cinco vezes seguidas ao cinema para ver dez filmes em polaco. E ainda gostas de mim?

Ele – Como no primeiro dia do primeiro filme dos Dez Mandamentos.

Ela – E lembras-te pelo menos de qual era?

Ele – Qual?

Ela – O primeiro mandamento.

Ele – Não, disso também não me lembro.

Ela – Não terás outro Deus senão eu.

Ele – Prometo-te, não terei olhos senão para ti.

Ela – Ámen.

Ele – Já posso beijar a noiva?

Ela – Espera pelo menos que eu ligue a televisão...

3. Grande

Duas crianças (que podem ser interpretadas por adultos).

Um – O que é que tu queres ser quando fores grande?

Dois – Quando for grande, quero ser muito grande.

Um – Muito grande? Grande até quanto?

Dois – Não sei... uns dois metros e oitenta, sabes?

Um – Dois metros e oitenta?

Dois – Mais alto do que o meu pai, pronto.

Um – E quanto mede o teu pai?

Dois – Uns dois metros e setenta, mais ou menos.

Um – Ah, pois... E a tua mãe?

Dois – Um bocadinho menos, acho. Uns dois metros e sessenta, talvez. E o teu, quanto mede o teu pai?

Um – O meu pai? Não sei...

Dois – Mais ou menos.

Um – Acho que uns dois metros e cinquenta.

Dois – Ah, sim... Não é muito alto.

Um – Não... [*Um momento*] Tens a certeza de que o teu pai é assim tão alto?

Dois – Tenho a certeza... [*Um momento*] De qualquer forma... a minha mãe chama-lhe sempre grande cabrão.

O outro lança-lhe um olhar perplexo.

Um – E a ti, como é que a tua mãe te chama?

Dois – Puto cabrão.

Um momento.

Um – Não te preocupes. Um dia, nós também seremos uns grandes cabrões.

4. Rabanadas

Estão os dois, com ar de não saber o que fazer.

Ela – E se eu fizer rabanadas?

Ele – Ah, sim... porque não? É uma boa ideia... Mas... temos pão duro?

Ela – Pão duro? Pois, não, acho que não...

Ele – Bem...

Ela – Então, o que fazemos?

Ele – Queres que vá comprar?

Ela – Pão duro?

Ele – Pão fresco.

Ela – Achas que também se pode fazer rabanadas com pão fresco?

Ele – Porque não?

Ela – Não sei... Nunca experimentei.

Ele – Se fica bom com pão duro, com pão fresco ainda há-de ficar melhor, não?

Ela – Achas?

Ele – Embora... as rabanadas são mais para não deitar o pão fora quando já está duro.

Ela – Claro... Fazem-se com o pão que, de outra maneira, teria acabado no lixo.

Ele – Isso mesmo... Para não desperdiçar comida, enquanto há tanta gente a morrer de fome no mundo.

Ela – Já percebi o que queres dizer... Tinha perdido de vista a dimensão moral das rabanadas.

Ele – Na realidade fazemos só para nos empanturrarmos, porque gostamos, mas o pretexto é não desperdiçar comida. É muito jesuíta, a rabanada, na verdade.

Ela – Eu só tinha vontade de comer rabanadas.

Ele – Os católicos têm mesmo um problema com o pão.

Ela – Ai sim?

Ele – O pão da eucaristia, não é o corpo de Cristo? Uma espécie de rabanada, vá lá...

Ela – Não sei... Podíamos perguntar à vizinha.

Ele – É católica, a vizinha?

Ela – Perguntar-lhe se tem pão duro!

Ele – Ah, claro...

Ela – Pois é...

Ele – Sinceramente, imaginas-te a pedir à vizinha se nos pode dar o pão duro dela?

Ela – Não.

Ele – Se tivéssemos coelhos, ainda vá.

Ela – Os coelhos comem rabanadas?

Ele – Os coelhos comem pão duro!

Ela – Não sabia.

Ele – No campo, as pessoas guardam o pão duro para dar aos coelhos. Para não desperdiçar nada. E depois comem o coelho...

Ela – Então, no campo nunca fazem rabanadas?

Ele – Os que não têm coelhos, talvez.

Ela – E eu que pensava que as rabanadas eram coisa de avós.

Ele – De avós que não têm coelho, pelo menos.

Ela – Bem... esquecemos as rabanadas, então?

Ele – Ir comprar pão fresco para fazer rabanadas... seria completamente imoral.

Ela – Sim... como dar pão fresco aos coelhos.

Ele – Ou deitar compota aos porcos.

Ela – Vou à padaria na mesma. Compro duas carcaças.

Ele – Não é um bocadinho demais?

Ela – Assim, amanhã teremos pão duro.

Ele – Estás a ver? Há sempre uma solução no fim. Já que vais às compras, vê se ainda temos ovos.

Ela – Ovos...?

Ele – Para as rabanadas.

Ela – Ovos frescos, queres tu dizer?

5. A porta

Ela está ali com um copo de café na mão. Ele chega também com um copo de café. Trocam um leve sorriso em jeito de cumprimento e sorvem o café em silêncio.

Ela – Sempre tão nojento, este café.

Ele – Sim... Mas hoje, para mim, tem um sabor especial.

Ela – Ah, sim...?

Ele – É a última vez que o bebo.

Ela – A última vez...?

Ele – É o meu último dia. Esta noite estarei reformado.

Ela – Assustou-me... Pensei que, depois de acabar o copo, se ia atirar pela janela para protestar contra a qualidade do café nesta empresa de merda. Embora, veja lá, talvez isso os convencesse a mudar a máquina.

Ele – Lamento, receio que essa máquina ainda cá esteja amanhã.

Ela – Estarei condenada a voltar a beber esta infame zurrapa. E já nem sequer terei o prazer da sua animada conversa.

Ele – É a primeira vez que nos cruzamos. Não me diga que é o seu primeiro dia aqui.

Ela – Trabalho na outra parte do edifício, para os seus antigos concorrentes. Tiraram a máquina de café para poupar...

Ele – Já percebo...

Ela – Sossegue, era exactamente a mesma máquina, e o café era igualmente intragável.

Ele – Deve ser um monopólio. Como as máquinas de jogos...

Ela – Não vai sentir falta? Levantar-se todos os dias às seis, passar uma hora nos transportes para vir para aqui, aborrecer-se oito horas a fazer um trabalho que não serve para nada, e voltar à tarde a pensar que amanhã se repete...

Ele – Não vai ser fácil. Vou tentar habituar-me... Mas diga-me, começo a duvidar da minha sanidade. Trabalho aqui há trinta anos e nunca tinha reparado que havia um corredor naquele sítio.

Ela – O corredor sempre esteve lá, mas a porta de acesso estava tapada.

Ele – Ah, sim, é verdade. Havia uma porta... Eu pensava que era a porta de um armário.

Ela – Reabrimos a porta para que as pessoas que trabalham do outro lado pudessem vir tomar café aqui. Como já não temos máquina...

Ele – Já percebo... Então, esse corredor leva a...

Ela – Ao armário onde instalaram o meu gabinete. Entre outras coisas... Sou controladora de gestão. Sou eu quem audita a empresa do lado.

Ele – De acordo... Então trabalha para...

Ela – O seu novo patrão. Bem, até esta noite. Comprámos a sua empresa há dois meses.

Ele – Então é a si que devo a minha reforma antecipada?

Ela – Espero que não me guarde demasiado rancor...

Ele – Qual quê... Mais depressa deveria agradecer-lhe.

Ela – Não me agradeça, por favor... Não o fizemos para encurtar os seus sofrimentos, sabe? Foi apenas um corte de pessoal após uma fusão-aquisição. Começámos por suprimir uma máquina de café em cada duas. E depois fizemos o mesmo com os empregados...

Ele – Já percebo... E você? O que é que a faz levantar-se de manhã?

Ela – Não sei... É verdade que este café é absolutamente nojento, mas pergunto-me se não será um pouco viciante, afinal. Cuidado, amanhã de manhã posso estar em síndrome de abstinência. Vá, boas reformas...

Ele – Obrigado...

Ele fica a olhar para ela a afastar-se.

6. Sala dupla

Ela está ali. Ele chega, com ar preocupado.

Ela – Então? Pareces preocupado...

Ele – Nada de grave, garanto-te... Esperava ter a certeza para te contar, mas...

Ela – Estás a assustar-me, o que se passa?

Ele – Já reparaste que a nossa sala é muito menos profunda do que a cozinha?

Ela – Desculpa...?

Ele – A cozinha fica mesmo do outro lado, não é? Separada da sala por uma parede.

Ela – Sim, pode ser. E então?

Ele – Pois logicamente, a nossa sala devia ter o mesmo comprimento que a cozinha.

Ela – E...?

Ele – Faltam três metros e cinquenta.

Ela – Três metros e cinquenta?

Ele – Três metros e cinquenta e oito, exactamente.

Ela – Tens a certeza?

Ele – Absoluta. Verifiquei três vezes.

Ela – É uma casa antiga. Naquela altura, pode ser que as paredes não fossem muito direitas.

Ele – Três metros e cinquenta e oito! Não estamos a falar de uma parede um bocadinho torta ou mais grossa do que as outras. Como a sala tem seis metros de largura, corresponderia a uma divisão de mais de 21 metros quadrados.

Ela – Uma divisão?

Ele – Uma divisão.

Ela – Estás a assustar-me. Uma divisão tapada, queres dizer?

Ele – Sim. Pode dizer-se assim.

Ela – Mas espera lá, já vivemos nesta casa há vinte anos. Não nos teríamos apercebido de que faltava uma divisão?

Ele – Os números estão aí. Verifiquei três vezes.

Ela – É uma loucura.

Ele – E pensar que todos estes anos tive o meu escritório no fundo da garagem, entre a caldeira e o congelador. Vinte e um metros quadrados, dás conta?! Podíamos ter feito um escritório!

Ela – Ou um quarto para crianças...

Ele – Pois...

Ela – Mas como é possível...? Como é que alguém pode chegar ao ponto de tapar uma divisão? Porquê?

Ele – Não sei...

Ela – Dá um bocado de arrepio, não achas?

Ele – O quê?

Ela – Saber que durante vinte anos passámos todas as nossas noites nesta sala, sem saber que mesmo ao lado havia outra, igualmente grande, completamente vazia...

Ele – Pois, bem... vazia... não sabemos.

Ela – Como?

Ele – Pode ser que não esteja vazia.

Ela – Não vazia? Queres dizer... que os antigos proprietários poderiam ter escondido lá alguma coisa?

Ele – Porque não? Caso contrário, porque é que haviam de tapar aquela divisão?

Ela – O que é que alguém poderia querer esconder ao ponto de tapar por completo uma divisão da sua casa?

Ele – Um tesouro?

Ela – Seria demasiado bonito...

Ele – Um cadáver...?

Ela – Um cadáver?

Ele – Porque não...?

Ela – Vinte metros quadrados para esconder um cadáver?

Ele – Podiam ser vários...

Ela – Ou talvez não estivesse morto quando o emparedaram...

Ele – Ele ou ela...

Ela – Ou os dois.

Ele – E se os antigos proprietários ainda lá estiverem...?

Silêncio sepulcral.

Ela – Não tenho a certeza de poder continuar a viver nesta casa, sabendo que mesmo atrás daquela parede pode haver um ou vários cadáveres...

Ele – É só uma hipótese.

Ela – Sim, mas eu preciso de ter a certeza.

Ele – Tens razão, é preciso saber.

Ela – E já. Não passo mais uma noite nesta casa sem saber o que há nessa divisão.

Ele – Eu também não...

Ela – Então, o que fazemos?

Ele – Eu trato disso...

Ele sai. Ela lança um olhar angustiado para a parede, que corresponde à quarta parede. Ele regressa com uma marreta.

Ela – Tens a certeza?

Ele – É preciso ter a certeza.

Escuridão. Ouve-se golpes de marreta. A luz volta. Olham para a sala como através de uma brecha.

Ela – O que é aquilo?

Ele – Uma sala em perfeito estado, quase igual à nossa.

Ela – Nem sinal de pó.

Ele – É incrível...

Ela – Achas que alguém ainda vive aqui?

Ele – Não sei... Ao mesmo tempo... Parece-se muito com a sala dos vizinhos.

Ela observa mais atentamente.

Ela – É a sala dos vizinhos!

Ele – Não percebo... Devo ter-me enganado nos cálculos.

Ela – Ah, sim...? Pois vais ter de lhes explicar quando voltarem...

7. Aqui a Terra

Ela e ele estão de pé em frente ao público, e não parecem ver-se um ao outro.

Ela – Alô, Marte?

Ele – Ah, olá, Terra!

Ela – Reconheceste a minha voz? E isso que já há muito tempo que não falamos...

Ele – Nem tanto, exageras...

Ela – Espera, foi exactamente...

Ele – Há 110.000 anos. No início da tua última glaciação. Tinha-te ligado para saber de ti.

Ela – É verdade. O tempo passa tão depressa.

Ele – Então já estás melhor, aqueces-te um bocadinho?

Ela – Sim, sim, sossega, já estou melhor. Foi só uma constipaçãozinha.

Ele – Melhor assim, melhor assim...

Ela – Mas olha, já há algum tempo acho que apanhei outra porcaria.

Ele – Outra vez! Fogo... Tu apanhas tudo o que anda no ar. E desde quando a tens?

Ela – Oh, não muito. Uns dez mil anos, mais ou menos.

Ele – E que doença é essa?

Ela – A humanidade. É um vírus novo, pelos vistos. Ainda não há vacina.

Ele – E é grave?

Ela – Ainda não se sabe muito bem como pode evoluir.

Ele – Que azar... Mas estás bem?

Ela – Por agora, sim. Só que tenho um bocadinho de febre há uns cem anos...

Ele – Um aquecimento climático... Não devias deixar andar, sabes? Pode piorar...

Ela – Tens razão, se não melhorar daqui a cinco ou dez mil anos, vou ter de tratar-me.

Ele – Pois... Tem cuidado com os efeitos secundários, de qualquer forma. Às vezes, o remédio é pior que a doença. Lembras-te quando apanhaste aquilo...?

Ela – Os dinossauros.

Ele – Isso mesmo. Deram-te um tratamento de choque e...

Ela – Ah, sim, aquele meteorito. Que supositório! Quase me deixava KO.

Ele – Bem, depois livraste-te deles para sempre.

Ela – Sim, mas demorei bastante a recuperar-me... Bem, e tu, como vais?

Ele – Oh, eu, já sabes... Igual como sempre... E agora não vai melhorar.

Ela – Não digas isso...

Ele – À minha idade.

Ela – Temos a mesma idade!

Ele – Que se há-de fazer, é o que há.

Ela – Às vezes basta uma pequena chuva de asteróides durante uns quantos milhões de anos, bem carregados de água e sais minerais, e cá estamos de novo.

Ele – Tens razão, é preciso manter o ânimo.

Ela – Bem, desculpa, vou eclipsar-me. Mas cuidado com esse novo vírus, parece que é muito contagioso.

Ele – Achas que pode chegar até aqui?

Ela – Em qualquer caso, parece que a Lua já está contaminada. Vá, cuida-te.

Ele – Tu também. E não esperes outra eternidade para voltar a ligar-me.

Ela – Prometo.

Ele – Vá, dou-te um beijo. Mas de longe...

Silêncio que marca o fim da conversa, depois ela tosse e espirra.

Ela – Que porcaria, esta humanidade. Vou ter de tratar-me se não quero que isto degenera. Não queria acabar como este pobre Marte...

8. Inspeção técnica

Ela limpa as mãos com um pano cheio de gordura. Ele chega.

Ele – Bom dia, venho buscar o carro que a minha mulher deixou aqui há uma hora para a inspeção periódica obrigatória.

Ela – Como se chama ela?

Ele – Clara. Clara Santos.

Ela – E o carro?

Ele – Eu... ainda não lhe pus nome, mas... é um Ford Fiesta. Está pronto?

Ela – Ah, sim, o Ford Fiesta da senhora Santos, lembro-me muito bem...

Ele – E... está pronto?

Ela – Pronto...? Depende...

Ele – Depende? Depende de quê?

Ela – Depende do que se entende por pronto.

Ele – Bem... não sei. Fez-lhe a inspeção técnica?

Ela – Sim. Examinei o veículo.

Ele – E...? Está tudo bem?

Um momento.

Ela – Posso falar-lhe com franqueza?

Ele – Eh... sim.

Ela – É um carro que não está bem.

Ele – O que é que não está bem? A embraiagem, não é? Notava que patinava um pouco ao arrancar...

Ela – Sim, a embraiagem também. Mas não é isso o que me preocupa.

Ele – Devia preocupar-me a mim, não? Então, o que é que tem exactamente?

Ela – É difícil de dizer... É um estado geral, percebe?

Ele – Não. Poderia ser mais precisa?

Ela – É um carro em segunda mão, não é?

Ele – Sim, de facto.

Ela – E a anterior proprietária era uma pessoa idosa.

Ele – Sim, como é que sabe?

Ela – Um carro com quase dez anos, mas em muito bom estado e com poucos quilómetros no conta-quilómetros... Nota-se que é um carro que passou muito tempo bem guardado na garagem. Que nunca viajou. Que mal rodava, mas cuja dona cuidava com esmero... antes de o entregarem a si.

Ele – E como é que sabe que era uma mulher?

Ela – A embraiagem, precisamente. As senhoras de idade deixam patinar muito a embraiagem, é assim. Não é culpa delas. Por isso é que a embraiagem está um pouco fatigada.

Ele – Aqui quem começa a ficar fatigado sou eu... Se me dissesse exactamente que reparações é preciso fazer...

Ela – Não é tão simples, receio... Está morta?

Ele – Eu pensava que era a senhora quem devia dizer-me isso. É assim tão grave?

Ela – Não, falava da idosa a quem comprou este pobre carro. Faleceu?

Ele – Mas eu não faço ideia! Nem sequer sei quem é essa senhora. O stand onde comprei o carro disse-me apenas que a anterior proprietária era uma senhora de idade que quase não conduzia.

Ela – Na minha opinião, está morta.

Ele – O meu carro?

Ela – Essa senhora idosa.

Ele – Ora bolas, isto é absurdo. Que género de conversa é esta? Eu pergunto-lhe se posso levar o meu carro, e a senhora fala-me da sua antiga proprietária!

Ela – É que os dois problemas estão estreitamente ligados.

Ele – Ah, sim...?

Ela – Evidentemente, este carro nunca recuperou do desaparecimento da sua antiga dona.

Ele – Nem sequer sabemos se morreu!

Ela – Morreu, acredite.

Ele – O meu carro?

Ela – Pelo que vejo, é um carro que dorme na rua, engano-me?

Ele – Não tenho garagem. Isso é um problema?

Ela – Podia ao menos dar-lhe um pouco de cuidado de vez em quando. Deixar um carro neste estado não é cristão.

Ele – Isto é para uma câmara escondida, não é? Onde está a câmara?

Ela – Não é nenhuma brincadeira, senhor. Os carros também têm direito a um pouco de atenção. De respeito. Até de afecto.

Ele – Bem, chega de disparates... Posso levar o carro, sim ou não?

Ela – Tome, aqui tem o certificado de inspecção.

Ele – Obrigado...

Ela – E aqui estão as chaves...

Ele – Muito bem.

Ela – Mas permita-me dizer-lhe que não merece este carro.

Ele – É o carro da minha mulher!

Ele prepara-se para sair, furioso.

Ela – E não se esqueça de mudar a embraiagem!

Ele sai.

9. Esperar

Ela está ali. Ele chega.

Ele – Desculpe, a senhora faz parte de...

Ela – Não.

Ele – De acordo, então a senhora também...

Ela – Sim.

Ele – E já está há muito à espera?

Ela – Muito?

Ele – É que eu morri há mais de uma hora e... continuo à espera.

Ela – E o que é que espera, exactamente?

Ele – Não sei... Que se ocupem de mim.

Ela – Que se ocupem de si?

Ele – Tinha ido às urgências, porque não me sentia bem... Esperei cinco horas antes de alguém se interessar por mim. Pergunto-me por que é que chamam a isso urgências. Se me tivessem atendido logo... Sem dúvida é por isso que aqui estou, além disso...

Ela – Seguramente.

Ele – Tenho a impressão de ter passado toda a minha vida à espera. Diz-se que passamos um terço da vida a dormir, eu acho que passei pelo menos um terço da minha à espera. Esperar o autocarro, esperar a minha mulher, esperar que fosse a hora, esperar que fosse o momento, esperar para ser recebido, esperar no médico, no dentista, no cabeleireiro, esperar pelas férias, esperar pela reforma...

Ela – Se não gosta de esperar, aqui não vai melhorar.

Ele – Porque acha que isto vai durar muito?

Ela – A eternidade.

Ele – A eternidade? Quer dizer... para sempre?

Ela – Quando se está morto, é para sempre, não é?

Ele – Então vamos esperar assim até...

Ela – Aconselho-o antes a deixar de esperar... e a apagar do seu vocabulário todas as palavras relacionadas com o tempo. Como ontem, hoje, amanhã... Ou desde quando e até quando. Ou durante quanto tempo... E sobretudo, sobretudo, que esqueça a palavra urgência.

Ele – Já percebo o que quer dizer, mas... alguma coisa terá de acontecer um dia, não?

Ela – Não.

Ele – Bem... então, o que fazemos?

Ela – Nada. Não fazemos nada. O que poderíamos fazer? Estamos mortos!

Ele – Não sei... Então não vai acontecer nada e não podemos fazer absolutamente nada?

Ela – Sim. Há apenas uma coisa que pode fazer aqui.

Ele – Ah, sim? Que coisa?

Ela – Fazer-se de morto.

Ele olha para ela, perplexo.

Ele – Bem...

Ela – O que é que imaginava? A vida eterna?

Ele – Esperava pelo menos livrar-me da morte eterna... Então isso é o além? Não há nada depois?

Ela – Não se sabe. Quando tivermos perdido toda a noção do tempo... Quando tivermos esquecido tudo... até não recordarmos quem fomos, seremos reciclados, talvez. A nossa alma em decomposição tornar-se-á no composto sobre o qual um dia brotarão outras sementes. Mas por agora... quero dizer, para sempre no que nos diz respeito... é preciso fazer o luto de nós próprios.

Ele – De acordo... *[Um momento]* Então, há pelo menos uma pequena esperança de sair disto?

Ela lança-lhe um olhar perplexo.

10. O quadro

Ele está ali. Ela chega com um quadro, um retrato de uma jovem, que parece mais uma trapalhada do que uma obra-prima, mas com uma moldura dourada.

Ele – Que horror é este?

Ela – Estava pendurado por cima da cama da minha bisavó, no lar. Sempre que eu ia visitá-la, repetia-me que depois da sua morte, esse quadro seria para mim...

Ele – Muito generoso da parte dela. Sobretudo tendo em conta que, para além desta trapalhada, não deixou mais nada a ninguém...

Ela – A minha mãe foi ontem esvaziar o quarto. Deu-me o quadro.

Ele – É um retrato... Quem é?

Ela – A minha trisavó, acho eu...

Ele – Era bastante bonita... quando era jovem. Pareces-te um pouco com ela...

Ela – Achas mesmo?

Ele – E o que pensas fazer com isto?

Ela – Não sei... Também não o posso deitar fora...

Ele – Não, claro... Mas daí a pendurá-lo na sala...

Ela – Podíamos pendurá-lo por cima da nossa cama...

Ele – Estás a brincar?

Ela – Evidentemente...

Ele – Que idade tinha exactamente a tua bisavó?

Ela – Nasceu em 1910, em Auvers-sur-Oise.

Ele – Em Auvers? Incrível! Repara, por vinte anos podia ter conhecido Van Gogh.

Ela – Ela dizia sempre que a mãe o conheceu bem.

Ele – Não...? O Van Gogh?

Ela – Sim.

Ele – Mas quando dizes “conhecer bem”...

Ela – Não sei.

Ele – Se por acaso fores a trisneta de Van Gogh...

Ela – Quem sabe...

Ele – E como ele não tem outra descendência conhecida, serias a herdeira da sua fortuna.

Ela – Da fortuna dele?

Ele – Sim, bem, tens razão... As pessoas que compraram os quadros dele é que hoje são riquíssimas, mas ele morreu na miséria. E este quadro...?

Ela – A minha bisavó dizia que o herdou da mãe...

Ele – Mas de onde saiu? Quem pintou este quadro?

Ela – Não sei.

Ele – Não está assinado?

Ela – Não... Ou talvez a assinatura já não se veja.

Ele – Estás a pensar o mesmo que eu?

Ela – Sim... Mas não, não é possível...

Ele – Se a tua antepassada o conheceu bem... Ninguém queria os quadros dele. E ele não tinha um tostão. Aposto que podia oferecer um em troca de uma refeição quente. E por uma foda, imagina...

Ela – Não tenhas vergonha, chama logo puta à minha trisavó!

Ele – Não digo isso, mas... uma pequena prenda.

Ela – Não, e além disso tu próprio disseste, olha, isto é uma trapalhada!

Ele – Francamente, já vi alguns quadros em museus... Se não soubéssemos que estavam assinados por grandes mestres... Que sabemos nós de pintura?

Ela – Tens razão... Era preciso avaliá-lo...

Ele – Imagina. Um Van Gogh. Mesmo que não seja dos melhores, valeria milhões.

Ela – Não vale a pena iludirmo-nos demasiado também...

Ele – Pois... Afinal, talvez seja melhor deixar a dúvida. Sonhar um pouco mais, em vez de quebrar o encanto logo.

Ela – Sem contar que uma avaliação não deve ser barata. Tudo para nos dizerem que é a obra... de um pintor de domingo.

Ele – Mas então, até me apetece pendurá-lo agora mesmo por cima da nossa cama.

Ela – Porquê?

Ele – Não sei... Pensar que Van Gogh pintou isto para comer a tua trisavó. E que agora vale milhões. Seria a foda mais cara do mundo, não?

Ele pega no quadro para o observar.

Ela – Eu não tenho a certeza de que isso me motive muito.

Ele – Este quadro pesa uma tonelada, não é?

Ela – É verdade, eu também reparei.

Ele – No fim, não acho boa ideia pendurá-lo por cima da cama. Se nos cai em cima...

Ela – Porque é que este quadro é tão pesado?

Ele – Não é a tela, deve ser a moldura...

Ela – Normalmente, as molduras são de madeira...

Ele – Para ser de madeira, pesa demais.

Ela – Ou então é de ferro fundido.

Ele – Uma moldura de ferro fundido? E além disso não tem a cor do ferro fundido.

Ela – Talvez seja tinta.

Ele raspa um pouco a moldura com a unha.

Ele – Parece que não...

Ela – Estás a pensar o mesmo que eu?

Ele – Sim... só conheço um metal que seja dourado.

Ela – Se for ouro, equivale pelo menos a um lingote.

Ele – No fim de contas, talvez este quadro tenha mesmo valor.

Ela – Em qualquer caso, podemos sempre sonhar...

11. Os fantasmas

Ele olha através de um telescópio apontado para a sala. A personagem pode ser uma criança, ou um adulto a interpretar uma criança. Ela é a sua mãe ou a sua professora.

Ela – Vês aquela estrela para onde aponte o telescópio?

Ele – Sim.

Ela – À volta dessa estrela giram planetas.

Ele – Sim, estou a vê-los.

Ela – Um desses planetas é habitável, e está habitado.

Ele – Vejo-o.

Ela – Os habitantes chamam-se homens.

Ele – Vejo-os.

Ela – E conseguiram tornar o seu planeta inabitável.

Ele – E então?

Ela – Então, todos morreram.

Ele – Mas no entanto eu vejo-os.

Ela – Porque esse planeta está situado a milhões de anos-luz do nosso. Na realidade, já estão todos mortos.

Ele – Então, os que vejo não são mais do que fantasmas.

Ela – Sim. O último morreu há 100.000 anos.

Ele – É curioso.

Ela – Sim.

Ele – Mas então, como sabes que morreram? Já que a imagem do seu fim do mundo ainda não nos chegou...

Ela – A teletransporte quântica é imediata. Não está sujeita às leis do espaço-tempo. Teletransportámos lá uma sonda há um mês. Nenhum sinal de vida à superfície.

Ele – Um suicídio colectivo... Mas por que razão fizeram isso?

Ela – Não sabemos.

Ele – Não sabemos?

Ela – Não. E isso que já fizemos imensas descobertas científicas extraordinárias. Mas isso ainda não conseguimos entender. Faz parte dos mistérios do universo que nos restam por resolver.

Ele – Os fantasmas de uma humanidade desaparecida, numa Terra transformada em deserto... Vou observá-los mais um pouco, para tentar compreender...

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Batim
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-364-4

Documento para download gratuito